

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

2

RAQUEL BALLI CURY
FERNANDA PEREIRA MARTINS
(ORGANIZADORAS)

Atena
Editora
Ano 2020

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

2

**RAQUEL BALLI CURY
FERNANDA PEREIRA MARTINS
(ORGANIZADORAS)**

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Raquel Balli Cury
Fernanda Pereira Martins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

l61 Interconexões: saberes e práticas da geografia 2 /
Organizadoras Raquel Balli Cury, Fernanda Pereira
Martins. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-611-9

DOI 10.22533/at.ed.119202611

1. Geografia. 2. Interconexões. 3. Práticas. I. Cury,
Raquel Balli (Organizadora). II. Martins, Fernanda Pereira
(Organizadora). III. Título.

CDD 910

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

As relações que se desenvolvem no espaço geográfico são múltiplas e, complexas, abrangendo as diversas dimensões que compõem a realidade, a exemplo do contexto político, econômico, ambiental, cultural e social, e que devem ser analisados em interação.

E, assim, por ser todo homem agente transformador do espaço em que está inserido se faz necessário que ele amplie a sua consciência sobre os fatos em curso, até mesmo para que seu papel se dê de forma mais efetiva.

Para que isso aconteça é essencial oportunizar e ampliar cada vez mais o debate científico acerca do espaço geográfico, que é o objeto da Ciência Geográfica.

Nesse sentido apresentamos o segundo volume da obra “Interconexões: saberes e práticas da Geografia” no qual competentes profissionais puderam divulgar e expandir o acesso às suas pesquisas, fazendo com que esses valorosos conteúdos alcançassem estudiosos e leitores interessados em desvendar as relações que se desenvolvem no espaço geográfico.

Com competência e dedicação, os autores de cada capítulo desta obra apresentam um prolífico palco de discussões através de estudos de casos, relatos de experiências pedagógicas e revisões bibliográficas compostos por saberes associados aos mais variados caminhos da Ciência Geográfica.

Este volume está dividido em 3 momentos distintos da produção do conhecimento. Do capítulo 1 até o capítulo 5 os textos são referentes ao Ensino da Geografia, saberes e práticas. Os capítulos 6, 7 e 8 apresentam discussões que estão compreendidas no campo das Ciências Exatas e Agrárias em que se insere a Geografia Física e suas subáreas conforme Tabela de Áreas do Conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Do capítulo 9 até o capítulo 20, encontram-se as reflexões no campo das Ciências Humanas, onde está inserida a Geografia Humana e suas subáreas, também conforme tabela supracitada.

Dessa forma, esta coletânea de artigos ressalta a diversidade temática e metodológica da Ciência Geográfica por meio de saberes interconectados capazes de apontar perspectivas no âmbito educacional, econômico, ambiental, cultural ou social.

Esperamos que o resultado dos estudos publicados com todo zelo e cuidado pela Atena Editora, despertem a criticidade e, ao mesmo tempo, ofereçam um momento prazeroso a todos os leitores.

Raquel Balli Cury e Fernanda Pereira Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) NO PROCESSO FORMATIVO DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Leila Procópio do Nascimento
Felipe Terra de Oliveira Silva
Jéssica Silveira de Vasconcelos
Mateus Alves Garcia

DOI 10.22533/at.ed.1192026111

CAPÍTULO 2..... 13

APROXIMAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA INFANTIL: UMA PROPOSIÇÃO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS SOBRE AS REGIÕES BRASILEIRAS À LUZ DA OBRA 'NA COZINHA DO CHEF BRASIL'

Leila Procópio do Nascimento
Débora Vieira da Silva
Bianca dos Santos Mondo

DOI 10.22533/at.ed.1192026112

CAPÍTULO 3..... 21

AS CATEGORIAS DE ANÁLISE EM GEOGRAFIA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM DO CONTEÚDO DE RECURSOS HÍDRICOS

Fernanda Pereira Martins
Raquel Balli Cury
Carolina dos Santos Camargos
Renata Pereira Prates

DOI 10.22533/at.ed.1192026113

CAPÍTULO 4..... 35

GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DEMANDAS E DESAFIOS NA PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

André Luiz Bezerra da Silva

DOI 10.22533/at.ed.1192026114

CAPÍTULO 5..... 42

O CINEMA, A GEOGRAFIA E A SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO DOCENTE NO COLÉGIO TÉCNICO DA UFMG

Thiago Macedo Alves de Brito

DOI 10.22533/at.ed.1192026115

CAPÍTULO 6..... 57

AIREHG: UMA EMERGÊNCIA DO SÉCULO XXI

Reginaldo Gouveia dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.1192026116

CAPÍTULO 7	72
BALANÇO HÍDRICO CLIMATOLÓGICO ANUAL DA MICRORREGIÃO DE RECIFE, PERNAMBUCO	
Gabriel Victor Silva do Nascimento	
Eberson Pessoa Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.1192026117	
CAPÍTULO 8	95
FAUNA DE ABELHAS (<i>HYMENOPTERA</i> , <i>APIDAE</i>) NO PARQUE MUNICIPAL DAS ARAUCÁRIAS, GUARAPUAVA, PR	
Glauco Nonose Negrão	
DOI 10.22533/at.ed.1192026118	
CAPÍTULO 9	105
A DEFESA DO ATLÂNTICO SUL E OS CAMPOS DE PRÉ-SAL: DESAFIOS DA GEOPOLÍTICA E GEOESTRATÉGIA BRASILEIRA	
André dos Santos Alonso Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.1192026119	
CAPÍTULO 10	115
A DINÂMICA URBANA DA TUBERCULOSE EM MARINGÁ – PARANÁ – BRASIL: 2010 a 2016	
Antonio de Oliveira	
Arlêude Bortolozzi	
DOI 10.22533/at.ed.11920261110	
CAPÍTULO 11	135
A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E AS DINÂMICAS IMOBILIÁRIAS EM TEMPOS DE CRISE ECONÔMICA NO BRASIL: O CASO DE JUIZ DE FORA/MG	
Andreia de Souza Ribeiro Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.11920261111	
CAPÍTULO 12	145
A INTERPRETAÇÃO DA PAISAGEM NA DEFINIÇÃO DE PERCURSOS DE ECOTURISMO NO SUDOESTE DE PORTUGAL	
Teresa Lúcio Sales	
Carla Maria Rolo Antunes	
André Botequilha Carvalho Leitão	
Rosário Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.11920261112	
CAPÍTULO 13	153
ÁREAS CRÍTICAS A ACIDENTES COM TRANSPORTE DE PRODUTOS PERIGOSOS NO TRECHO ALAGOANO DA RODOVIA BR-101	
Esdras de Lima Andrade	
Silvana Quintella Cavalcanti Calheiros	
DOI 10.22533/at.ed.11920261113	

CAPÍTULO 14	173
DA GENTRIFICAÇÃO TURÍSTICA EM LISBOA Luís Filipe Gonçalves Mendes DOI 10.22533/at.ed.11920261114	
CAPÍTULO 15	186
DAVID HARVEY: O GEÓGRAFO MAIS CITADO DO MUNDO Eliel Ribeiro dos Anjos DOI 10.22533/at.ed.11920261115	
CAPÍTULO 16	199
DEFINIÇÕES DE CIDADES MÉDIAS NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL BRASILEIRA Victor Régio da Silva Bento DOI 10.22533/at.ed.11920261116	
CAPÍTULO 17	212
IMAGEM E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: MANAUS VISTA A PARTIR DE CARTÕES POSTAIS Luana Castro da Silva Caren Michels DOI 10.22533/at.ed.11920261117	
CAPÍTULO 18	227
O AERÓDROMO MUNICIPAL DE PONTE DE SOR COMO MOTOR DE DESENVOLVIMENTO LOCAL/ REGIONAL António Oliveira das Neves Raul Jorge dos Santos Marques DOI 10.22533/at.ed.11920261118	
CAPÍTULO 19	234
SEMELHANTES, MAS DIFERENTES: ANÁLISE EXPLORATÓRIA E COMPARATIVA DAS POLÍTICAS DE HABITAÇÃO EM PORTUGAL E ITÁLIA Gonçalo Antunes Caterina Francesca Di Giovanni DOI 10.22533/at.ed.11920261119	
CAPÍTULO 20	243
TÉCNICA E CIÊNCIA COMO DISPOSITIVOS DE AÇÃO EM CONFLITO URBANO- AMBIENTAL Ana Cristina de Mello Pimentel Lourenço Luiza Pereira Machado Ruth Osório de Lima DOI 10.22533/at.ed.11920261120	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	258
ÍNDICE REMISSIVO	259

CAPÍTULO 5

O CINEMA, A GEOGRAFIA E A SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO DOCENTE NO COLÉGIO TÉCNICO DA UFMG

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão 06/10/2020

Thiago Macedo Alves de Brito

UFMG

Professor da Rede Estadual de Ensino/MG

<http://lattes.cnpq.br/6497062893541620>

Este trabalho foi publicado originalmente em Revista Terra Livre. Ano 34. v. 2, n. 53 (2019), p. 426-452

RESUMO: Este estudo tem por objetivo demonstrar os benefícios da utilização de filmes no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de geografia. Sua elaboração utilizou como referência a experiência de estágio docente (PIBID) no Colégio Técnico (COLTEC) da UFMG, consistindo em: planejamento das aulas; aplicação de uma atividade diagnóstica capaz de avaliar o conhecimento prévio da turma e de formular sequências didáticas baseadas nos anseios e nas necessidades dos alunos; e adoção da atividade seminário em sala de aula. A relação entre geografia e cinema parte do pressuposto de que o olhar geográfico acerca das imagens (paisagens) em movimento, imbuído de um pensar e olhar críticos, contribui para o conhecimento e o aprendizado dos conflitos geopolíticos do século XX. A experiência da sala de aula como processo relacional de ensino e aprendizado, tanto dos alunos quando dos professores, é apresentada na sequência, revelando-se como um momento de construção coletiva do conhecimento, a partir do confronto e do debate de ideias que a prática de seminário proporciona. Por fim, esboça-se uma análise crítica da experiência ao apontar os avanços e

os limites do processo.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia, Cinema, Planejamento, Seminário, Sala de aula.

CINEMA, GEOGRAPHY AND CLASSROOM: REPORT OF A TEACHING STAGE EXPERIENCE AT UFMG TECHNICAL HIGHSCHOOL

ABSTRACT: This study aims to demonstrate the benefits of using movies in the teaching and learning process in geography classes. Its elaboration used as reference the teaching internship experience (PIBID) at the Technical High School (COLTEC) of the Federal University of Minas Gerais (UFMG), that it consisted of the planning of the classes; in the application of an activity capable of assessing prior knowledge of the class and formulating didactic sequences based on students' wishes and needs and the adoption of the seminar activity in the classroom. The relationship between geography and cinema is based on the assumption that the geographical view of moving images (landscapes), imbued with critical thinking and looking, contributes to the knowledge and learning of twentieth-century geopolitical conflicts. The experience of the classroom as a relational process of teaching and learning, both students and teachers, is presented below, revealing itself as a moment of collective knowledge construction from the confrontation and debate of ideas that the practice of seminar, as long as well constructed, provides. Finally, a critical analysis of the experience is outlined pointing out the advances and the limits of the process.

KEYWORDS: Geography, Movie, Planning, Seminar, Classroom.

1 | INTRODUÇÃO

Trabalhar com o cinema na sala de aula é uma ótima opção para quem pretende sair do cotidiano das aulas expositivas. Integrar cinema e ciência é, de certa maneira, confrontar padrões normativos científicos com modelos estéticos da sétima arte. O cinema tem a vantagem de ajudar o aluno a, por meio da contemplação da imagem em movimento, refletir sobre o mundo social para além da linguagem escrita das lousas e dos livros. Ademais, assistir a filmes na sala de aula proporciona a alunos e professores a oportunidade de se aproximarem mais de realidades, até mesmo, muito distantes daquelas de seus cotidianos. Permite, ainda, que a sala de aula seja um espaço de concentração, para prestar atenção em algo que está fora dos próprios sujeitos (alunos e professores), criando um espaço de experiência, de observação e de reflexão.

Obter êxito nessa tarefa, todavia, não é fácil, principalmente se a proposta de inserir o cinema na sala de aula não for cuidadosamente planejada e o público-alvo – os alunos e as alunas – não estiver disposto a aceitá-la. Em uma época de tecnologias virtuais, de aceleração da noção de tempo/espaço e do mundo ao alcance dos dedos, é muito difícil selecionar filmes capazes de prender a atenção dos alunos e que abordam a realidade socioespacial de maneira crítica. Selecionar filmes que saiam do padrão hollywoodiano da indústria cultural é outro desafio a ser enfrentado. As novas gerações, na maioria das vezes, nunca ouviram falar de cinema novo, *nouvelle vague*, realismo italiano e expressionismo alemão. Muito menos em cinemas alternativos, como o iraniano, o chinês, o sul-coreano e aqueles produzidos nos trópicos. Quem está no dia a dia da sala de aula sabe que filmes americanos de super-heróis cativam muito mais os alunos e alunas do que qualquer outro na periferia do sistema global. Não é que não se possa trabalhar com eles, o problema é que abordam as questões sociais e geopolíticas de modo muito superficial e o debate gira em torno apenas de “mocinhos” e “vilões”. Eles retiram do cinema sua magnitude e sua densidade teórica e crítica. Este tipo de cinema se resume ao entretenimento desinteressado, que serve muito mais para propagar a ideologia norte-americana, na maioria das vezes. Portanto, sair da armadilha da indústria cultural e oferecer filmes que despertem o interesse dos alunos pelo debate, torna-se o desafio a ser enfrentado. Para que tal proposta tenha êxito, o professor deve ter a capacidade de motivar seus alunos a experimentarem novas formas de linguagem e a encantarem-se com novas imagens em movimento, que os façam refletir sobre habitar o/no mundo. No entanto, nem sempre os alunos estão abertos ao novo, ao diferente, às novas experimentações, o que torna a tarefa do professor mais difícil ainda.

Com o propósito de sair da mesmice do cotidiano da sala de aula, resolvemos testar novos potenciais didáticos e alternativos da linguagem cinematográfica. Para tanto, preparamos uma sequência didática aplicada aos alunos do terceiro ano do colégio técnico (Coltec) da UFMG, do Curso Técnico em Análises Clínicas, com apoio em filmes sobre

a geopolítica do século XX. No âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), foi possível, no segundo bimestre de 2017, colocar em prática, com a ajuda do professor Eliano Freitas de geografia e da equipe de professores e alunos do PIBID, este projeto geográfico-cinematográfico. Tornou-se necessário, preliminarmente, fazer uma preparação prévia que levasse em consideração as atividades de avaliação, planejamento e didática que atendessem às necessidades da turma.

21 AVALIAÇÃO, PLANEJAMENTO E DIDÁTICA

Para avaliar as necessidades, capacidades, conhecimento e anseios dos alunos e alunas, o instrumento julgado mais adequado foi a avaliação diagnóstica, por meio da qual é possível perceber o conhecimento prévio dos alunos e traçar estratégias de ensino e didática (MASSETO, 1997). Esta atividade é planejada para ser aplicada no início do semestre/bimestre/ciclo (dependendo da escola) ou, até mesmo, na passagem de um tema para outro. Normalmente, é aplicada no princípio de uma nova temática, possibilitando a compreensão preliminar do professor sobre o conhecimento prévio da turma acerca do conteúdo proposto (HARDT, 2007). No entanto, seria necessária uma avaliação *a posteriori*, para saber se a alternativa didática surtiu efeito ou não e se a turma realmente ampliou seu conhecimento sobre o assunto. Esta atividade não ocorreu na experiência aqui relatada. Na avaliação diagnóstica não é estabelecido qualquer valor ou nota aos alunos, trata-se de um instrumento avaliativo apenas para saber o conhecimento prévio.

A avaliação diagnóstica elaborada por nós estagiários docentes do PIBID, sob a orientação dos professores, teve por objetivo perceber se os alunos eram capazes de identificar os conflitos geopolíticos do século XX a partir de imagens e mapas. Selecionamos várias representações espaciais, entre elas imagens de trincheiras na 1ª Guerra Mundial, tanques e aviões bombardeando a Inglaterra na 2ª Guerra Mundial, o mapa da Europa pós-Segunda Guerra, o mapa da Alemanha dividida em zonas de influência e imagens do atentado de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Depois lhes pedimos para denominar o evento e enumerar a ordem dos acontecimentos. No final, cada um deveria redigir um texto que resumisse seus conhecimentos sobre os eventos elencados. Como forma de avaliação, selecionamos algumas amostras corrigidas por nós (estagiários). Apuramos que vários alunos tiveram dificuldade para relacionar as representações, sobretudo as espaciais (mapas), aos eventos históricos e geopolíticos. Seria preciso reforçar a importância da leitura de representações espaciais para o entendimento não somente dos processos e conflitos do século XX, como também dos conteúdos relacionados à própria geografia em sala de aula (ASCENÇÃO; VALADÃO, 2014).

A atividade diagnóstica pode ser o ponto de partida para o planejamento e a formulação das sequências didáticas aplicadas no decorrer do semestre. É a partir dela que o professor conhece mais acerca do saber dos alunos em relação ao tema proposto.

Sua importância reside na escolha didática e no planejamento das sequências das aulas (GERALDO, 2009). O planejamento das aulas, no entanto, precisa ser redirecionado para atividades mais participativas.

Para Aguiar Junior (2005), a “forma de transmissão de saberes”, centrada na fala do professor e em aulas expositivas, envolvendo a preparação dos conteúdos e das técnicas didáticas propícias para tal momento (quadro, fala, *Power Point*, etc.), é a mais utilizada pelos professores, principalmente no ensino médio. No entanto, segundo o próprio autor, tal formato de ensino é limitado, pois não considera as formas de interação com o aluno e as estratégias capazes de beneficiar o aprendizado por meio de trocas e diálogos. Em grande medida, considera o aluno um receptáculo sem conteúdo, cabendo ao professor transmitir o conhecimento até então ausente nele.

Consideramos, todavia, que é importante utilizar esta forma de didática, pois a prática docente também envolve o conhecimento prévio do assunto, nem sempre dominado pelo aluno. Assim, a aula expositiva torna-se necessária, por aproximá-los mais do conteúdo proposto. Já a forma alternativa apresentada por Aguiar Junior (2005) corresponde à “assimilação de caminhos para aprendizagem”. Tal perspectiva tem por objetivo formular planos de aulas que potencializem os alunos enquanto sujeitos de aprendizagem. Para tanto, é preciso buscar não apenas os conteúdos pedagógicos, como também práticas didáticas mais adequadas para que eles participem ativamente das aulas.

Os planos de aula, por mais planejados e detalhados que sejam, podem, na prática, sofrer modificações. Isso ocorre porque o professor não pode prever ao certo qual será a reação dos alunos diante da didática proposta ou, ainda, se haverá tempo necessário para a exposição do tema e da proposta planejada. Planejar é importante, na medida em que auxilia na formação do professor, deixando-o mais confiante para a prática em sala de aula, mas a ação propriamente dita nunca é igual àquela que ele planejou. Nesse sentido, planejar é “um guia para ação” (AGUIAR JUNIOR, 2005, p. 5), porque fornece ao professor o “norte”, e as orientações possíveis de serem aplicadas em suas estratégias de ensino. No entanto, ele precisa estar preparado para tudo que possa ocorrer durante as aulas.

Outra dificuldade que o professor enfrenta ao elaborar planos de aula sobre cinema e geografia está no limite do tempo. Cada aula tem, em média, 50 minutos, tempo que exclui a exibição contínua de longas-metragens. A maioria das escolas públicas de ensino médio no Brasil prevê apenas duas aulas semanais de geografia. O Coltec não foge a essa regra. Para contornar esse obstáculo, decidimos, em conjunto, adotar o seminário como técnica de ensino (VEIGA, 2006). Ao invés de passarmos os filmes em sala de aula, o que nos custaria as duas aulas da semana, deixamos a cargo dos alunos esta tarefa: assistir aos filmes selecionados em casa. Na sala de aula, o tempo seria destinado ao debate e ao seminário.

A etimologia da palavra seminário deriva do vocábulo *seminariu*, que significa “viveiro de plantas” ou “semeador”, isto é, aquele que semeia. Segundo Veiga (2009), seminário

tem um sentido amplo, significando “congresso científico”, “encontro de profissionais, professores e estudantes”; e um sentido mais restrito, particular, significando “técnica de ensino”, “grupo de estudo em que se discute e se debate um ou mais temas apresentados por um ou vários alunos, sob a direção do professor responsável pela disciplina ou curso” (VEIGA, 2009, p. 107). Optamos pela segunda alternativa. Para que o seminário como atividade didático-pedagógica funcione, é preciso que o professor explicithe os temas e os objetivos e, claramente, elucide as dúvidas prévias, sugira categorias, organize a sala de aula (de preferência em círculo, para que todos se sintam aptos a participar) e, por fim, elabore um roteiro sobre o filme, elencando as questões mais relevantes para o debate. Ficou a cargo dos alunos pesquisarem sobre o tema, assistirem aos filmes e se prepararem para o debate, com base nos roteiros. No final do debate, é necessário tecer alguns comentários gerais e formular sugestões e apontamentos negativos e positivos sobre o processo em si.

Para avaliação da prática do seminário, o critério estabelecido pelo professor e pelos estagiários foi considerar o roteiro de pesquisa e aqueles alunos que participassem dos debates, atribuindo um valor total de quatro pontos em cada um dos seminários. No final do bimestre ficou a cargo do professor e dos estagiários a elaboração e aplicação de uma prova final no valor de nove pontos.

Antes de adentrarmos propriamente nas intervenções pedagógicas, é necessário explicitar melhor quais são as possíveis relações entre o cinema e a geografia.

3 | O CINEMA, A GEOGRAFIA E A PAISAGEM

A intertextualidade entre a linguagem cinematográfica e a linguagem geográfica possibilita ilustrar temas tão recorrentes nos processos históricos e geográficos (geopolíticos) da Modernidade.

O cinema, reconhecido como “a sétima arte”, desenvolveu-se no final do século XIX, a partir da fotografia, dos avanços da mecânica, da óptica, das imagens seriadas, dos espetáculos das lanternas mágicas, das fantasmagorias e do teatro de sombras (ELSAESSER; HAGENER, 2018). Trata-se de uma arte típica da Modernidade. Desde o início do século XX, a crítica e a teoria cinematográficas vêm tentando compreender o que representa essa manifestação artística. Alguns a compreenderam como uma sucessão de imagens; outros, como a representação do espaço e do tempo. Há, ainda, aqueles que sustentam que o cinema tem a capacidade e a necessidade de apreender o real.

Para Elsaesser e Hagener (2018), o cinema clássico, do começo do século XX, dividiu-se praticamente em dois: o formalista, que enxerga o filme como uma concatenação entre composição e construção, a partir da perspectiva do autor; e o realista, que visa levar a realidade até o espectador e aproximá-lo do concreto. Neste último, que os autores denominam de “realismo ontológico”, a realidade tem uma existência em si, independente do cineasta, cabendo a este apenas captá-la e repassá-la ao público.

Foi Bazin (2018) quem trouxe para a crítica cinematográfica o realismo ontológico expresso nas artes plásticas dos séculos passados. O verdadeiro realismo, para ele, deveria exprimir o que há de concreto e essencial no mundo. Enquanto a pintura realista ainda tinha um aspecto ilusório, subjetivo, posto pela perspectiva, pelas cores e pela luz, a fotografia e o cinema foram formados pelo próprio objeto em si, captados e mediados pela câmera e pela lente (objetiva). Essa ilusão da captação do objeto em si mesmo será um dos percalços do realismo que não se faz crítico. Esta perspectiva torna neutra a influência do autor. Por mais que se reconheça uma realidade independente da câmera, a perspectiva, o foco e a narrativa escolhidas pelo cineasta interferem diretamente na realidade e na projeção do filme, sem falar na montagem e na edição. O poder de compressão do espaço e do tempo pela arte cinematográfica torna sua produção e criação dotadas de intencionalidade. Portanto, por mais que se tente apreender o real em si mesmo, o cinema será sempre uma arte de representação do tempo e do espaço, mesmo aquele cinema que se quer verdade: o documentário. Porém, mesmo ciente de seus “limites”, esta arte pode e deve ser crítica e resistente ao espetáculo generalizado (COMOLI, 2015).

Harvey (1989) explica que uma das principais transformações trazidas pelo cinema foi a capacidade de entrelaçar espaço e tempo. O cinema é capaz de mostrar o sentido da aceleração do tempo histórico, do aumento da produtividade do trabalho abstrato e da representação daquilo que Marx (2011) e Harvey (1989), posteriormente, denominaram “compreensão do tempo-espaço”; ou seja, da diminuição das distâncias territoriais e da supressão de barreiras espaciais, a partir da aceleração do tempo de rotação do capital, das informações e das pessoas.

O tempo e o espaço foram, no século XX, absorvidos pelo tempo do dinheiro e das mercadorias, pelo ordenamento e pela racionalidade técnica. O cinema, “o uso seriado de imagens” (HARVEY, 1989, p. 277), tem a capacidade de representar essa aceleração e de reproduzi-la, além de ter a magia de poder fazer cortes no espaço e no tempo, de deslocar espacialmente e de acelerar temporalmente as paisagens, de nos levar a espaços e tempos além da vida cotidiana, mesmo que sua projeção seja restrita a lugares como as salas de cinema.

Segundo Benjamin (1985), a reprodução técnica do cinema pôde acentuar certos traços do original que não eram acessíveis ao olhar humano, assim como fugir do ordenamento natural das coisas, aproximar as pessoas das obras de arte sem que se tenha que ir ao museu ou, ainda, do ponto de vista geográfico, subir uma serra ou montanha para avistar e descrever paisagens. O cinema tem essa capacidade de aproximar sujeitos a lugares nunca percorridos. Espaço de encontro com a alteridade, de aproximação com lugares distantes.

Para Elsaesser e Hagener (2018), a perspectiva dialógica do russo Mikhail Bakhtin ajuda a perceber que o espectador cinematográfico, ao contemplar a película, sai de seu ambiente familiar, descola de sua vida cotidiana e “aliena-se” do seu próprio mundo, para

adentrar no universo do filme. Ao entrar em outro mundo, ele se depara com o diverso, o diferente e, até mesmo, o desconhecido. Conhecer o universo do outro ou o outro lado do mundo (como nas aulas de geopolítica) permite a ele voltar ao seu próprio lugar, ao seu cotidiano, “melhor e mais sábio” (ELSAESSER; HAGENER, 2018, p. 18). Mas o cinema também tem a capacidade de perturbar a imagem de um mundo consistente, coerente e harmonioso. Confrontar o próprio mundo é uma das tarefas do cinema militante, como aponta Comoli (2015).

Benjamin (1985) ainda argumenta que a obra de arte, por meio do cinema, perdeu algo de autenticidade, de originalidade. A cópia reproduzível tecnicamente fez com que certa tradição histórica de materialidade e testemunho fosse separada do humano pela sua reprodução. Para o autor, o que atrofia a obra de arte na época de sua reproduzibilidade técnica é a perda de sua aura, de seu caráter sacro, único e irreproduzível. À medida que se multiplica e se reproduz, o filme perde sua existência única e se torna serial. Entretanto, esse processo permite que o cinema vá ao encontro do espectador e, ao mesmo tempo, atualize seu próprio sentido quando reproduzido. O cinema revoluciona o caráter tradicional, original e irreproduzível da obra de arte, devido a seu processo de montagem, que cola imagens, espaços separados e deslocados temporalmente. A sétima arte modifica, também, o caráter de apreensão da obra. Se anteriormente ao seu advento, o caráter contemplativo da arte – a observação de um quadro, por exemplo – era uma experiência individual, a partir dele e do teatro, passa a ser uma experiência coletiva. No cinema, as reações individuais são condicionadas pela ação coletiva, ao mesmo tempo em que se deixam condicionar por ela (BENJAMIN, 1985, p. 188).

Os pintores dos séculos XVIII e XIX queriam um público seletivo, individualizado, que contemplasse a obra de arte em sua autenticidade, em sua áurea. A massificação do cinema e sua reproduzibilidade permitiram que várias pessoas, em vários lugares do mundo, pudessem ser impactadas pela imagem em movimento ao mesmo tempo.

Torna-se latente a transformação da observação e do observador (CRARY, 2012). A paisagem já não é mais a mesma e o olhar também não. O sentido atribuído à geografia como uma ciência moderna nascente estava atrelado à visão, ao olhar e à paisagem, para descrevê-la a partir de uma intuição estética. Apreciação da paisagem foi parte importante das descrições e comparações científicas de uma geografia nascente. A pintura de paisagem [*landschaftmalerei*] era importante, na medida em que proporcionava a contemplação da fisionomia da natureza em diferentes lugares, explicitando suas diferentes formas. Para tanto, era preciso adquirir o desejo de se pôr em comunicação com a natureza livre, de estabelecer a união entre o visível e o invisível, entre a abstração e o objeto.

Goethe, importante poeta alemão, ressaltava a importância da pintura de paisagem na Modernidade. Ela conseguiria combinar ciência natural com arte. A redução do complexo artístico e natural à forma, como maneira de expressar (simbolizar) o que é sentido na experiência, encontraria na pintura de paisagem uma expressão de peso, que ajudaria na

compreensão do mundo natural e artístico. A paisagem nasceria da intencionalidade do olhar em sua busca por elementos que se articulam para formar uma cena. Luz e cores se entrelaçam no olhar do observador, que capta um momento do devir natural. A paisagem transposta para a pintura é a representação da forma natural, é a percepção do olhar diante da natureza em movimento. O olhar é peça fundamental, porque é por meio dele que se revela a paisagem (BESSE, 2006).

É o olhar contemplativo que nos permite estabelecer essa inter-relação entre geografia e cinema, esse sentido tão importante para geografia, desde Humboldt à escola regional francesa. No entanto, na pintura de paisagem o quadro não se move e a observação exige um ritmo mais lento e contemplativo. No cinema, a imagem-paisagem se move. A imagem não pode ser mais fixada; ela passa continuamente e exige uma atenção diferenciada diante de um choque (atenção) causado pelo ritmo e pela sequência de representações.

Para Aumont (2004), não é só a imagem que se movimenta no filme, mas também o olhar do espectador. Tanto na contemplação da paisagem quanto na cinematográfica, o corpo permanece imóvel, estático e contemplativo, mas o olhar se modifica. O espectador do cinema tem que se adequar a uma imagem em movimento. O cinema altera o sentido da visão e do espectador. Altera também o tempo, a duração.

No século XX, o cinema determina o tempo e a duração do espetáculo. Ele não pode ser parado e tampouco acelerado. O olhar móvel do corpo estático representa o espectador do cinema, que ainda tem no olhar seu sentido por excelência e na atenção o princípio da contemplação das imagens-paisagens.

A paisagem, contudo, precisa ser contextualizada novamente. Grande parte da geografia que se pautou por uma leitura apenas morfológica da paisagem, principalmente aquela do final do século XIX, privilegiou o estudo fenomenológico das formas em detrimento dos seus conteúdos (DUNCAM; DUNACAN, 2010).

Para Duncan e Duncan (2010), essa abordagem morfológica se recusou a dissecar a paisagem dos processos sociais, econômicos, políticos ou físicos subjacentes a ela. É preciso, nesse momento, ter em conta seu caráter mais simbólico, decodificá-la em seus espaços, em suas culturas dominantes (COSGROOVE, 1998), esmiuçadas e compreendidas como imagens sobrepostas de tempos e espaços fetichistas, procedentes do trabalho humano abstrato.

O cinema, nesse contexto, apresenta-se, então, como obra da indústria cultural (ADORNO e HORKHEIMER, 1985), como parte dessa sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), como uma arte de entretenimento, da distração, que, ao invés de elucidar as massas, pode aliená-las. Ele, portanto, carrega consigo esse duplo caráter: o poder de distração dos problemas essenciais do mundo; e, ao mesmo tempo, o poder de mobilizar as massas, de desfetichizar os estranhamentos sociais causados pelo capitalismo globalizado.

4 | OS FILMES, OS ROTEIROS E A EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

Com o intuito de fazer do cinema e da geografia – campos do saber científico e do saber artístico – instrumentos de uma visão crítica do mundo, deliberamos que o processo de ensino e aprendizado seria mediado pela linguagem cinematográfica. Para elaborar os planos de aula, procuramos nos aprofundar no tema: “Geopolítica no século XX”. Cabe destacar que esse conteúdo é pré-estabelecido pela equipe de professores do Coltec. Depois, procedemos ao levantamento de filmes cujo conteúdo fosse atrativo e adequado para os alunos. Partiu do professor Eliano Freitas a iniciativa de sugerir o documentário *Nós que aqui estamos, por nós esperamos*, primeiro longa-metragem do cineasta Marcelo Masagão, de 1999, que, por meio de recortes e colagens de imagens em movimento, passa em revista o século XX. Os alunos foram orientados a elaborar um trabalho em grupo sobre os temas apresentados no filme que fossem de seu interesse, consistindo em uma apresentação oral e a produção de cartazes, que depois seriam afixados no mural das salas. Os temas variaram em torno dos eventos que marcaram o período técnico-científico-informacional (SANTOS, 1994) ou a era dos extremos (HOBSBAWM, 1995). Tendo como base as apresentações e cartazes acerca do nazismo, queda do muro de Berlim, neoliberalismo, e os anseios dos alunos, foi possível formular a sequência didática com filmes que pudessem relacionar geopolítica do século XX, percepção crítica da realidade, representações espaciais e estética cinematográfica. O critério avaliativo ficou a cargo do professor.

A atividade proposta a seguir, conforme o cronograma e o desejo dos alunos, abordou os temas: “Fascismo”, “Nazismo”, “Ditadura” e “Autoritarismo” nos séculos XX. O filme selecionado foi *A onda*, de 2008, dirigido pelo alemão Dennis Gansel. Teve por objetivo levar os alunos a refletirem sobre as similitudes e diferenças entre fascismo, nazismo, ditadura e autoritarismo, tendo como referência as especificidades espaciais de cada país (formações socioespaciais). Ao relacionar os fatos históricos e geográficos e ao dar espacialidade aos fenômenos, foi possível compreender melhor as diferenças entre as experiências autoritárias no mundo. O filme em si relata a transformação de uma turma a partir da aplicação de conceitos e práticas autocráticas. Para que os alunos fizessem uma preparação prévia, elaboramos um roteiro com questões como: a) O que é autocracia?; b) Por que as pessoas aderem ao discurso autocrático?; c) Qual é a especificidade do discurso autocrático do filme e do discurso autocrático na especificidade do território escolar.

A partir do filme e do roteiro, foi possível construir um seminário profícuo para o entendimento e a espacialização do fenômeno. A turma se envolveu no debate e com o tema que o filme apresenta: “As possibilidades de nascimento do pensamento e da prática autoritária no interior do ambiente escolar”. O ponto alto do debate ocorreu quando uma menina admitiu que aquele tipo de prática autoritária, que o professor testava com seus alunos, poderia ser uma realidade do próprio Coltec. Em princípio, ficamos todos perplexos.

Depois, muitos a contestaram, e o debate ficou mais acirrado, precisando de intervenção dos docentes. As questões levantadas pelo filme provocaram os estudantes, mostrando como aspectos do fascismo estão presentes no cotidiano dos alunos e como o espectro do autoritarismo nasce das situações mais corriqueiras e se alastra em um piscar de olhos.

O segundo filme trabalhado foi *Adeus Lênin*, de 2003, dirigido por Wolfgang Becker, que aborda, por meio da comédia dramática, a queda do socialismo real e as transformações que o leste europeu, em especial a Alemanha Oriental (RDA), sofreu na década de 1990, que reverberam até os dias atuais. Para o debate em sala de aula, selecionamos algumas questões para reflexão: a) As transformações territoriais pela qual a Alemanha passou do fim da II Guerra até o momento em que se passa o filme (unificação da Alemanha); b) A divisão em quatro zonas de influência da Alemanha e a posterior divisão entre Alemanha Oriental (RDA – República Democrática Alemã) e Alemanha Ocidental (RFA – República Federal Alemã); c) O modo de vida na Berlim Oriental e o modo de vida na “nova” Berlim unificada; d) O embate ideológico entre capitalismo e socialismo; e) A “cortina de ferro” como uma fronteira concreta e simbólica; f) Os possíveis motivos para a queda do socialismo; g) A migração de pessoas da Alemanha Oriental para a Alemanha Ocidental após a queda do muro.

A riqueza do filme possibilitou o estabelecimento de um grande debate. Foi, sem dúvida, o filme preferido dos alunos. Possivelmente por não ser um filme americano, questões importantes no decorrer dos séculos XX e XXI são tratadas com leveza e ironia. A percepção e a compreensão do aspecto espacial da Berlim Oriental chamaram atenção da turma, assim como o atraso industrial do socialismo em crise. Foi preciso delinear mais precisamente os motivos do fim do socialismo real e as implicações dessa queda para uma nova ordem mundial, tendo os Estados Unidos como país protagonista. É difícil encontrar filmes fora do padrão estético hollywoodiano que entretenham e, ao mesmo tempo, despertem uma posição mais acurada e crítica sobre o tema: “Fim da Guerra Fria”. O filme despertou o senso crítico dos alunos para um tema tão complexo e que quase sempre é tratado de forma simplificada nas salas de aula.

Para tratar da ascensão dos Estados Unidos no mundo “multipolar”, o filme escolhido, por sugestão do professor, foi “Fahrenheit 9/11”, documentário do cineasta estadunidense Michael Moore, de 2004. O filme aborda as causas e consequências dos atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, fazendo referência à posterior invasão do Iraque, liderada por esse país e pela Grã-Bretanha. O título do filme faz alusão ao livro *Fahrenheit 451* (233°C, que representa a temperatura em que arde o papel), escrito, em 1953, por Ray Bradbury, e aos atentados de 11 de setembro de 2001, já que “11/9” se escreve “9/11” nos países de língua inglesa. O roteiro criado para o filme trouxe as seguintes questões: a) Qual era o quadro político no ano das eleições nos EUA e como ficou a situação de George W. Bush após as eleições?; b) Quais são as relações que podem ser estabelecidas entre esse quadro político-social e os ataques às torres gêmeas, em 11/09?; c) Que relações podem

ser estabelecidas entre a Arábia Saudita e os EUA e quais os possíveis desdobramentos dessa relação?; d) Diante do 11/09, quais foram as ações da Casa Branca em relação ao Iraque e ao Afeganistão?; e) Quais foram os resultados práticos disso?; f) Como foi construída a “Guerra ao Terror”?; g) Quais foram os desdobramentos dessa guerra para o Iraque?; h) E qual a relação das grandes empresas estadunidenses com a guerra do Iraque.

Este seminário foi o mais polêmico. Alguns alunos se colocaram contra o filme e seu “viés ideológico”. Para eles, o filme só trazia um lado da questão: a responsabilidade dos Estados Unidos quanto ao ocorrido em 11 de setembro. Mesmo no ambiente acalorado do debate, optamos pela não intervenção, deixando que prosseguisse, para que os prós e os contras fossem trazidos à tona pelos próprios alunos. Depois do seminário, foi preciso fazer uma intervenção maior, para explicar as origens do atentado e reafirmar a responsabilidade norte-americana pelo ocorrido, devido a sua geopolítica desastrosa no Oriente Médio desde a guerra do Afeganistão de 1979 e o surgimento da Al-Qaeda, financiada pelos próprios Estados Unidos. Mas, sem desconsiderar a barbárie do fundamentalismo muçumano que derrubou as torres gêmeas em Nova Iorque.

Diante da necessidade de aprofundar a questão da liderança norte-americana no mundo pós-Guerra Fria, selecionamos um filme que trata das origens da política neoliberal a partir da hegemonia estadunidense, já posta em prática desde Bretton Woods e o Consenso de Washington: *A Doutrina do Choque*. Produzido em 2009, sob a forma de documentário, baseou-se no livro homônimo da autora e ativista canadense Naomi Klein, publicado em 2007. O filme faz uma exposição crítica do período da Guerra Fria até o início do século XXI, mostrando o avanço da política neoliberal no mundo, sob o comando do EUA. A tese principal da autora é que a imposição de regimes econômicos neoliberais é precedida por um estado de choque coletivo, que envolve assuntos econômicos, políticos e, até mesmo, psicológicos. Para a construção do roteiro, elaboramos as seguintes questões: a) O que o golpe de Pinochet no Chile, o massacre da Praça de Tiananmen, o colapso da União Soviética, o 11 de setembro de 2001, a guerra contra o Iraque, o tsunami asiático e o furacão Katrina tiveram em comum?; b) O que foi a “Doutrina do choque” e quais foram seus idealizadores?; c) Quais são os países propagadores da ideologia neoliberal?; d) Quais são as principais características do neoliberalismo?; e) E quais foram as especificidades do neoliberalismo autoritário na periferia do sistema.

Talvez em razão do cansaço do fim do ano e do estresse causado pelo Enem, o debate não foi tão acalorado e participativo. Todavia, os alunos puderam perceber melhor a importância dos Estados Unidos na geopolítica do século XX e sua parcela de responsabilidade pela crise não somente política e econômica na qual vivemos, mas também por uma crise civilizacional, que abarca todas as esferas das nossas vidas.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer o cinema para a sala de aula não é algo simples. Pode parecer no início muito atrativo para o professor, assim como pode parecer que diminuiu seu trabalho fora e dentro da sala de aula. Entretanto, como se pôde perceber, o trabalho aumentou. É preciso muito esforço para analisar e selecionar qual estratégia e qual didática usar para que se obtenha êxito. A escolha acertada pela avaliação diagnóstica permitiu descobrir o caminho a seguir e os filmes mais adequados para assistir. Foi necessário elaborar planos de aula que tivessem sentido e sequência lógica, para serem postos em prática, como, de fato, ocorreu. A prática do seminário também ajudou no processo de conhecimento na sala de aula, na medida em que se mostrou a mais adequada para que os alunos se posicionassem em relação ao conteúdo e ao roteiro propostos. Já o critério avaliativo não se mostrou tão apropriado, pois existem aqueles alunos que se sentem inibidos ao terem que se expor diante da turma e do professor, a avaliação torna-se mais restrita àqueles que participam do debate, independente das falas e dos conteúdos. A auto-avaliação também poderia fazer parte desse processo.

Outro “limite” do processo encontra-se no próprio formato do PIBID. O projeto, no ano de 2017, passava por um período de reformulação, no ano seguinte ele mudou por completo sua estrutura. Se no começo havia leituras e preparação para sala de aula com debates e seminários, no final do semestre as avaliações finais e coletivas de todo processo não foram feitas. Perdeu-se, por conseguinte, a oportunidade de uma avaliação coletiva. Por outro lado, o ganho e o aprendizado com o planejamento e as aulas foram muito importantes para os estagiários, mesmo para aqueles que tiveram mais dificuldade em lidar com as turmas do terceiro ano. Para o processo de formação em licenciatura a prática em sala de aula – utilizando-se do cinema – aliada ao planejamento coletivo, mostrou-se oportuna e contribuiu para que as aulas fossem menos enfadonhas, trazendo os alunos para o centro debate ao incorporar seus anseios e conhecimentos na elaboração do planejamento, dos filmes e da sequência didática.

Outro obstáculo encontrado foi o tempo. Para compensar sua falta e os limites espaciais da própria escola, decidimos permitir que os alunos assistissem aos filmes em casa, mesmo que isso prejudicasse a experiência de assistir filmes coletivamente. O ambiente da sala de cinema permite esse encontro em conjunto para olhar atentamente as imagens em movimento, além de possibilitar encontros e troca de ideias no ambiente do próprio cinema. Todo filme pressupõe um espaço cinematográfico. A sala de aula, dependendo de sua estrutura, pode se tornar um espaço para a projeção de filmes, mas, na grande maioria das escolas brasileiras, essa não é a realidade. Por isso, apostamos para uma experiência cinematográfica que possa ser também um trabalho de campo, uma ida ao cinema, lugar “onde o filme e o espectador, o cinema e o corpo se encontram” (ELSAESSER; HAGENER, 2018, p. 13).

O cinema enquanto trabalho de campo envolve o espaço da sala, o conforto (ou não) das poltronas, o som, a tela, a moldura, a espera, a apreensão, a experiência, a atenção; enfim, as sensações que as imagens em movimento podem causar no espectador na experiência de estar no cinema. Essa relação, tão cara àqueles dispostos a contemplar a paisagem cinematográfica, nem sempre é possível na sala de aula, quase sempre lugar de desconforto, ansiedade e desatenção. Uma excursão ao cinema poderia “solucionar” esse problema. Cabe destacar a importância do trabalho de campo na própria geografia como momento de apreensão do empírico no processo de compreensão crítica do real (LOURENÇO, 2011), da importância de se passar pelo concreto para alcançar o abstrato (LACOSTE, 2006). A ida ao cinema como trabalho de campo e a percepção da paisagem cinematográfica na sala devem ser precedidas do roteiro, conforme a temática que se quer abordar, e procedidas de um seminário, em sala de aula, que discuta criticamente o próprio filme.

Outra questão latente, principalmente para os professores que desejam trabalhar com o tema, prende-se ao estabelecimento de interseções teóricas entre geografia e cinema, tendo em conta a especificidades de cada uma e o que elas têm em comum. A categoria da paisagem pode ser trazida à tona porque ela parte, assim como o cinema, da relação entre o observador e o mundo, o olhar e o quadro. Nas origens da geografia moderna, podemos observar a importância das leituras das paisagens para contemplação e apreensão da realidade, mas que, no entanto, mantinham certo ideal de neutralidade. Ao observar do cume mais alto, da vertente mais distante, da perspectiva de cima e de fora dos acontecimentos físicos e sociais, criou-se a ilusão de se estar estabelecendo uma ciência mais neutra e positiva. No entanto, essas interpretações ajudaram a consolidar o ideal burguês do belo e da harmonia, presentes tanto na natureza quanto na sociedade (BRITO, 2016). Outras formas de encarar o cinema e a paisagem precisam, portanto, compreender o processo dialógico entre filme e observador, entre espectador e paisagem fílmica/geográfica. Além de janela para o mundo, o cinema e a geografia precisam ser, também, momentos de inquietação, de catarse e de produção de sujeitos críticos, tudo isso imbuído da transformação do mundo.

Por fim, por mais que o cinema tenha causado uma transformação na forma como observamos as paisagens e como lidamos com a arte e com o mundo, hoje, os jovens e adolescentes já não estão mais sob o efeito desse impacto. Os filmes estão ao alcance dos dedos das telas dos telefones celulares. Se o cinema causou um choque nas pessoas dos séculos XIX e XX, isso já não ocorre mais. Prender a atenção dos alunos para filmes longos e críticos é uma tarefa hercúlea. O mundo digitalizado da informação rápida e dos vídeos curtos do *youtube* substituiu as salas de cinema pelo quarto de casa ou pela sala de aula. Ao contrário dos filmes passados nos cinemas, os vídeos disponíveis em celulares e tablets podem ser pausados e, até mesmo, acelerados. O tempo de duração e o espaço-paisagem estão se contraindo cada vez mais, alimentando a desinformação,

a desatenção, a dispersão e a alienação. Portanto, encontrar alternativas para resgatar o prazer cinematográfico como forma de aprendizado crítico nas aulas de geografia é uma tarefa para aqueles que desejam encontrar outras maneiras de superar não somente o dia a dia enfadonho das escolas e das salas de aulas, mas transformar o próprio cotidiano dos alunos e professores.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AGUIAR JUNIOR, Orlando G. **Projeto de desenvolvimento profissional de educadores: Módulo II o planejamento de ensino**. Governo do Estado de Minas Gerais – Secretaria de Estado de Educação, Projeto Escolas-Referência – desenvolvimento profissional de educadores, 2005.

ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque; VALADÃO, Roberto Célio. **Professor de geografia: entre o estudo do fenômeno e a interpretação da espacialidade do fenômeno**. In: XIII Colóquio Internacional de Geocrítica, El controldelespacio y losespacios de control, Barcelona, 5-10 de maio de 2014, p. 1-14.

AUMONT, Jacques. **O olho interminável: cinema e pintura**. São Paulo: Editora Cosac e Naify, 2014.

BAZIN, André. **O que é cinema**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BRITO, Thiago Macedo Alves de. **A natureza do método e o método da natureza: exposição e crítica no pensamento alemão dos séculos XVIII e XIX**. Tese defendida no programa de pós-graduação em geografia da UFMG, 2016.

COMOLI, Jean-Luis. **O espelho de duas faces**. In: YOEL, Gerardo (Org.). Pensar cinema: imagem, ética e filosofia. São Paulo: Editora Cosac Naif, 2015, p. 165-203.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: Paisagem, tempo e cultura. (Org) CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Rio de Janeiro, Editora UERJ, 1998, p. 92-122.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador: visão e modernidade no século XX**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

DUNCAN, Nancy; DUNCAN, James. **Doing landscape interpretation. The SAGE Handbook of Qualitative Geography**. SAGE Publications Retirado da internet no dia 17 de setembro de 2019. <http://www.sage-ereference.com/hdbk_qualgeography/Article_n13.html>.

ELSAESSER, Thomas; HAGENER, Malte. **Teoria do cinema: uma introdução através dos sentidos**. São Paulo: Papirus Editora, 2018.

GERALDO, Antônio Carlos Hidalgo. **Didática de ciências naturais na perspectiva histórico-crítica**. Campinas-SP: Editora Autores Associados, 2009.

HAYDT, Rita Célia Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LACOSTE, Yves. **A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos**. In: Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n° 84, p. 77-92, 2006.

LOURENÇO, Claudinei. **Entrevista**. In: Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n° 91, p. 63-74, julho de 2011.

MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858, esboço da crítica da economia política**. São Paulo; Rio de Janeiro: Editoras Boitempo; UFRJ, 2011.

MASETTO, Marcos Tarcísio. **Didática: a aula como centro**. São Paulo: Editora FTD, 1997.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org). **Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações**. Campinas: Papirus, 2006.

Filmes:

A DOUTRINA do choque. Direção de Naomi Klein. E.U.A: A Renegade Pictures/Revolution Films Production, 2009. MP4 (79 min).

A ONDA. Direção de Dennis Gansel. Alemanha: Rat Pack Filmproduktion, 2008. 1 DVD (107 min).

ADEUS Lênin, Wolfgang Becker. Alemanha: Sony Pictures Classics, 2003. 1 DVD (121 min).

FAHRENHEIT 9/11. Direção de Michael Moore. E.U.A: Dog eat/dog films, 2004. MP4 (123 min).

NÓS que aqui estamos, por nós esperamos. Direção de Marcelo Masagão. Brasil: Média Company. 1999. MP4 (73 min).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abelhas 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104
Aeronáutica 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233
Airehg 57, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69
Alojamento Local 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184
Amazônia Sul-Occidental 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 210
Arrendamento 173, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 232, 234, 235, 236, 237, 238
Aulas 4, 5, 6, 7, 9, 14, 15, 16, 40, 42, 43, 45, 48, 53, 55, 196

B

Biogeografia 95, 104

C

Capitalismo 49, 51, 135, 136, 140, 144, 181, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 256, 258
Categorias Geográficas 21, 23, 25
Cidades Médias 135, 140, 144, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 208, 209, 210, 211
Ciência 9, 15, 20, 23, 24, 27, 32, 35, 36, 38, 43, 48, 54, 57, 67, 68, 72, 92, 93, 135, 243, 244, 246, 251, 254, 255
Cinema 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 196
Conceitos 16, 21, 23, 24, 25, 27, 29, 32, 33, 34, 50, 134, 173
Conflito Urbano-Ambiental 243, 244
Criticidade 23, 33, 153, 155, 156, 158, 159, 161, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 171

D

Defesa 105, 106, 108, 110, 113, 114, 181, 228, 229
Deficiência Hídrica 72, 75, 84, 87, 90, 91, 92
Deficiência Visual 35, 36, 38, 39

E

Educação Básica 2, 3, 4, 5, 6, 9, 12, 21, 25, 32, 258
Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 50, 55, 56, 123, 231, 232, 258
Espaço Urbano 115, 131, 135, 144, 146, 182, 189, 212, 217, 218, 224, 225, 243, 244, 246, 254, 255
Evapotranspiração 72, 75, 76, 81, 82

Excedente 72, 75, 76, 83, 84, 85, 86, 87, 190

G

Gentrificação 173, 175, 181, 182, 184, 240, 254, 256

Geoestratégia 105, 110, 112, 114

Geografia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 92, 93, 95, 98, 114, 115, 116, 133, 140, 144, 153, 159, 171, 172, 173, 183, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 199, 210, 227, 240, 247, 258

Geopolítica Energética 105, 108, 113, 114

Geoprocessamento 153, 154, 160, 171, 172

H

Habitação Social 234, 235, 236, 237, 239, 240

I

Identidade 7, 25, 28, 29, 145, 147, 149, 212, 213, 214, 216, 225

Impactos Socioambientais 58, 59, 62, 66, 67, 69, 71

Inclusão 35, 36, 37, 38, 40, 41, 127, 129

Infraestrutura 1, 9, 10, 105, 115, 116, 118, 129, 130, 132, 137, 158, 171, 218, 221, 229, 245, 254

Iniciação à Docência 1, 2, 5, 8, 10, 11, 44

Investimento 10, 137, 173, 175, 176, 179, 181, 182, 227, 228, 229, 230, 232, 237, 239, 240

L

Literatura Infantil 13, 14, 15, 16, 20

M

Meio Ambiente 6, 57, 58, 64, 65, 67, 69, 70, 73, 105, 116, 153, 154, 155, 160, 188, 193, 195, 225, 244, 246, 248, 254, 258

P

Petróleo 105, 106, 107, 110, 111, 113, 114

PIBID 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 42, 44, 53

Planejamento 4, 5, 6, 8, 16, 19, 42, 44, 45, 53, 55, 73, 77, 91, 92, 118, 132, 154, 172, 247, 253, 257

Polarização 183, 199, 200, 201, 202, 205, 206, 208, 209

Políticas de Habitação 234, 235, 236, 237, 239, 240, 241

Políticas Urbanas 173, 174, 176

Pós-Modernidade 186, 187, 189, 191, 197

Produtos Químicos 153, 154, 156, 158, 163

R

Regiões Brasileiras 13, 14, 15, 16, 17, 200

S

Sala de Aula 7, 10, 17, 18, 23, 26, 27, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 50, 51, 53, 54

Seminário 11, 40, 42, 45, 46, 50, 52, 53, 54, 133, 152, 256

T

Técnica 20, 45, 46, 47, 48, 55, 56, 135, 158, 243, 244, 246, 251, 254, 255

Transporte Rodoviário 154, 158, 170, 171, 172

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 